

O DISCURSO EVANGÉLICO APOCALÍPTICO NO FORTALECIMENTO DO IMAGINÁRIO SOCIAL DO FIM DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL¹

Valtenci Lima de Oliveira²
Orivaldo Pimentel Lopes Júnior³

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A história mundial vivencia mais um de seus capítulos. Infelizmente um tempo difícil e aterrador para a humanidade. Desde o início do ano de 2020, todo o mundo globalizado foi aturdido pelas notícias nas mais diferentes mídias de que estávamos expostos a um vírus letal o SARS-CoV-2 que iniciou seu flagelo já em 2019, e infectou a centenas de milhares de pessoas com a doença Covid-19, que foi assim denominada porque os primeiros contágios se deram ainda neste mesmo ano.

Esta doença letal, causadora de complicações respiratórias gravíssimas e com um poder de proliferação muito rápido, vitimou, segundo dados da Organização Mundial de Saúde, até agora, aproximadamente, 15 milhões de pessoas. No Brasil a estatística é de 685 mil mortos e, ainda, estamos vivendo a Pandemia cujo ímpeto foi arrefecido devido a muitas medidas sanitárias e a vacinação em massa da população mundial, em que pese, todo um movimento de negação dessa realidade.

O novo coronavírus como também foi alcunhado o SARS-CoV-2 surgiu repentinamente e abalou as estruturas do mundo. A OMS em seu relatório⁴ sobre a possível

¹ Texto aprovado para apresentação no *XVIII Simpósio Nacional da ABHR – Concrer 2022*, no *Simpósio Temático 06: As Religiões e a Crise da Covid-19 – Sindemia e Biopolítica*, que ocorreu no dia 16 de novembro de 2022.

² Bacharel em Teologia pela Faculdade Unidade de Vitória (FUV), licenciado em História pela Universidade Educacional da Lapa (UNIFAEL), licenciado em Filosofia pela Faculdade Entre Rios do Piauí (FAERPI), especialista em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro (FABAT) e Mestrando em Ciências Sociais do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGCS-UFRN). Membro do Grupo de Pesquisas Mythos Logos (PPGCS-UFRN). E-mail: prvaltencioliveira@gmail.com. <http://orcid.org/0000-0001-7031-1486>.

³ Professor Orivaldo Pimentel Lopes Jr. Doutor (PUC – SP) e pós-doutor (Università degli Studi di Padova) em Ciências Sociais, especialista em estudo da religião e da epistemologia das Ciências Sociais. Coordenador do PPGCS-UFRN, Grupo de Pesquisa Mythos-Logos e Plataforma Nosso Futuro Comum do Instituto Humanitas. E-mail: orivaldojr@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid0000-0001-8114-4169>.

⁴ Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/who-convended-global-study-of-origins-of-sars-cov-2-china-part>

origem do vírus destaca algumas possibilidades, sendo a mais provável a de que como em outras epidemias e pandemias, a transmissão ao humano tenha acontecido por um animal silvestre que serviu de intermediário. Isto é, um primeiro animal infectado, contaminou outro animal que, então contaminou o humano. Entretanto, os estudos estão sendo sempre revistos, mas compreendemos de imediato que ao que parece mais uma vez a questão ambiental, tão preterida pelo Ser humano está presente.

Rapidamente a imprensa iniciou a cobertura maciça de tudo o que estava ocorrendo no mundo e no Brasil; as internações, a necessidade de leitos especiais, a criação de hospitais de campanha para atender a demanda, a necessidade de equipamentos, a urgência de mais profissionais de saúde, a necessidade da compra de oxigênio e de respiradores, pessoas intubadas, o uso de máscara e outros cuidados para não sermos contagiados pelo vírus, o isolamento social, inclusive com lockdown, isto é, o confinamento total para que nós não pudéssemos sair de casa a não ser para emergências ou para suprir necessidades básicas, a velocidade do contágio, a disputa política e negligência de muitos, inclusive no Brasil, que desumanamente não deram o devido valor a gravidade do que estava acontecendo e, especialmente, às mortes de pessoas que diariamente iam sendo noticiadas causaram na sociedade um estado de pânico e uma certa impotência diante do desconhecido que acabaram por reavivar o imaginário de que estávamos vivendo um apocalipse.

A jornalista Magali Cunha, ao fazer uma leitura dos efeitos da Pandemia e a relação que os evangélicos fazem dela com o Fim do Mundo e o apocalipse, no período mais agudo da crise, declarou:

Nos últimos dias a palavra “Apocalipse”, conectada com a hashtag #fimdomundo, ganhou as mídias sociais. Isto foi estimulado pelo clima catastrófico em torno da pandemia global de coronavírus somado a um tal barulho no céu que foi ouvido em diferentes partes do mundo e à erupção do vulcão Krakatoa (Indonésia), que havia provocado um tsunami mortal em 2018. A esta perspectiva se juntam as mensagens de alguns pregadores religiosos que fazem uma leitura terrorista do tempo que estamos vivendo. Da boca e do teclado deles saem afirmações como: a covid-19 é maldição de Deus, ela cumpre um propósito, um recado de Deus; o coronavírus é um anjo da morte de Deus que veio para fazer justiça contra o comunismo, a liberação da homossexualidade e as “sujeiras” da TV e do cinema; Deus está prestes a expurgar muitos pecados do planeta com este vírus, ainda há tempo de arrependimento...⁵ (CUNHA, 2020).

⁵ Artigo da jornalista e doutora em comunicação Magali Cunha datado de 15/04/2020.

É possível discordar da jornalista quanto assevera que religiosos fazem em suas pregações “leitura terrorista” dos aspectos ligados a pandemia. Acreditamos que a leitura a que a autora se refere se deve devido as teorias escatológicas vividas por determinadas correntes cristãs. Entretanto, concordamos que esse sentimento imagético experimentado pela sociedade brasileira, especialmente, no período de maior gravidade da Pandemia até o momento, entre os meses de abril e maio de 2021 é fruto e herança, do Cristianismo, que sempre defendeu a ideia de que um novo mundo de justiça e paz surgiria com o fim do mundo atual, e isto não aconteceria sem que a humanidade passasse por um apocalipse.

Ainda para Magali Cunha,

Não é a primeira vez (e possivelmente não será a última) que a ideia de um deus vingativo é relacionada ao Apocalipse e ao fim do mundo. O imaginário coletivo está povoado destas ideias e a cada catástrofe partilhada por mais de um continente, ele é acionado (CUNHA, 2020).

Com base nesses pressupostos sempre que momentos de calamidades avassaladoras e catastróficas acontecem, esse imaginário social do fim ressurgente pujantemente. Assim, neste trabalho nossa intenção é compreender quais foram os impactos do fortalecimento do discurso cristão apocalíptico no imaginário social do fim durante a Pandemia da Covid-19 no Brasil, para isso recorreremos ao aporte teórico de Gilbert Durand e Bruno Latour.

2 O IMAGINÁRIO CRISTÃO APOCALÍPTICO E SEU IMPACTO SOCIAL

Inicialmente, é preciso compreender que quando falamos sobre a perspectiva do imaginário não estamos discorrendo sobre eventos inexistentes, estórias ou contos e tudo que possa se pensar sobre fantasia ou falsidade. Recorrendo ao antropólogo francês Gilbert Durand (1921-2012), que participou proficuamente do conhecido círculo de Eranos⁶, cujas discussões entre outras eram sobre as questões míticas e simbólicas que acabam

⁶ Círculo de Eranos é a designação dada a um encontro de pensadores que se dedicaram a uma hermenêutica voltada aos aspectos simbólicos e míticos dos saberes. Estes pensadores se propuseram a uma análise do fenômeno religioso com ênfase nos aspectos míticos e simbólicos, para criticarem os fundamentalismos, no sentido de promoção de uma base para as reflexões e investigações do fenômeno religioso e, também, das Ciências Humanas, de maneira que o mítico e o simbólico abriam novas possibilidades para a compreensão da religiosidade e do mundo. Eranos foi construído por intermédio de um grupo multidisciplinar, no ano de 1933. Eram realizadas palestras anuais que aconteciam na segunda quinzena de agosto, na Suíça. Muitos importantes pensadores construíram o Círculo de Eranos como: Karl Kerényi, Christian Otto, Joseph Campbell; Gerard Sholem, Mircea Eliade, Gilbert Durand; Henrich Zimmer, Henry Corbin, Adolf Portmann, Helmuth Plessner, Erich Neumann, Von Franz, James Hillman, Raffaele Pettazzoni, Van De Leeuw. Um dos principais nomes do Círculo é o filósofo francês Gaston Bachelard, precursor da construção metodológica sobre o imaginário, através dos elementos primordiais da natureza e seus devaneios.

por ser parte da construção da perspectiva imagética do Ser humano, o imaginário para ele trata-se de uma espécie de “museu” que acumula imagens de toda a trajetória antropológica tanto possíveis, produzidas ou não em variadas maneiras pelo homo sapiens. (1994, p. 3). Para Durand, o Ser humano diante da aflição da morte e o medo do futuro, adota ações imaginativas tanto negando quando dando nova significação a seu destino. Por isso, suas percepções imaginativas o lançam na produção, reprodução e atualização de mitos e símbolos que povoam e constroem o imaginário e que são elementos reprodutores de equilíbrio biopsicossocial diante do medo do fim e do devir (DURAND, 1993, p. 97-110).

Na construção do imaginário cristão, percebemos que o discurso e a prática cristã sempre estiveram ancorados em suas reflexões escatológicas, ou seja, em suas teorias sobre o fim do atual *status quo* da humanidade e o recomeço de um novo tempo ou uma nova Era. O cristianismo nasce de um movimento escatológico palestino dos primeiros anos da Era Comum. Os israelitas aguardavam um Messias que restabeleceria a glória da nação, e instauraria na Terra o Reino de Deus. Essa matriz original acompanha o cristianismo ao longo desses dois milênios, mesmo que essa matriz tenha sido constantemente atualizada diante de fatos que vinham negas muitas dessas expectativas, como por exemplo a própria morte do fundador, seu não-retorno ao longo dos séculos, a superação histórica de momentos críticos, a renovação e ressurgimento de forças malignas, etc.

Durand, em sua teoria do imaginário discorre sobre os símbolos que caracterizam e constroem o imaginário. Ele estabelece na sua teoria dois tipos de categorias que são identificadas como: Regime Diurno (RD) e Regime Noturno (RN).

A distinção proposta por Durand, nos dá mais elementos para refletirmos na construção do imaginário apocalíptico cristão, que é eivado e alimentado pelo modo mítico-mágico-simbólico de pensamento (LOPES JR., 2013). Para Durand, o Regime Diurno que aponta para a figura paternal é composto ou construído pelo heroísmo e belicosidade. Já o Regime Noturno representa as trevas, a maldade e alimenta sempre elementos e figuras como abismos, descidas, quedas e tudo mais que possa sugerir o mal (DURAND, 2004, p. 188).

No imaginário cristão do fim, cada catástrofe na história da humanidade é aciona o aparato apocalíptico que inclui elementos como a ira da divindade contra os pecados, a sanha do Antimessias, a liberação das forças da maldade e opressão, a provação dos fiéis, e a proximidade do juízo final, as pragas e catástrofes. Na Idade Média, por exemplo onde o imaginário apocalíptico floresceu de um odo intenso, as pessoas aguardavam o dia da cólera divina que provocaria, tumulto e a destruição de todas as coisas visíveis (DUBY,

1998, p. 20). A Peste Negra e a mortandade desse flagelo, por exemplo, foi vista como o cumprimento do apocalipse e ficou retida no imaginário, fazendo crescer ainda mais o medo do apocalipse. Na atual Pandemia do Coronavírus pudemos encontrar construções imaginárias que se assemelham ao discurso apocalíptico medieval.

A construção do imaginário do além-mundo, especialmente o que se baseia nas reflexões pré-milenaristas⁷, acabaram se desenvolvendo de forma mais volumosa a partir de uma figura central na história do milenarismo medieval, Joaquim de Fiore (1135-1202). Se bem que tanto os escritos e interpretações de Fiore quanto outros do período anterior a ele, especialmente, de autores do séc. II e III d.C e mesmo posterior, se valeram da literatura apocalíptica judaica⁸, com suas imagens, símbolos e escritos que sempre admitiram uma guerra de proporções alarmantes entre os agentes do bem representados por Deus, os anjos e seus seguidores e os do mal representados pelo Diabo, os demônios e seus seguidores. Guerra esta que culmina na vitória do bem contra o mal e que inaugura um novo mundo ou um novo tempo na história da humanidade, como por exemplo, o próprio Joaquim de Fiore vai conceber em sua leitura do livro bíblico apocalipse de João de Patmos.

Pensando em apocalipse e imaginário do além-mundo merece destaque a trajetória antropológica construída por Durand, que em sua classificação sobre os símbolos que pavimentam o imaginário, classificou-os como aqueles do Regime Diurno (RD) e, também, os do Regime Noturno (RN). Esta categorização dá ainda mais substância para pensarmos no imaginário apocalíptico, tão povoado pela rica simbologia judaico-cristã. Por um lado, Durand, argumenta que o RD, ligado a figura paternal é constituído por atitudes bélicas e heroicas contra as trevas, estas por sua vez são categorizadas como RN que é a antítese

⁷ Pré-milenarismo é uma das ramificações do Milenarismo, que segundo Valtair Miranda, foi um movimento muito forte no Séc. II e III, d.C por teólogos que interpretaram o Milênio narrado no capítulo 20 do livro Apocalipse como um acontecimento literal. Estes autores foram também conhecidos como *quiliastas* por conta do termo grego *quilia*, traduzido por mil. Eles ao interpretarem o texto sobre o milênio acreditavam que Jesus Cristo retornaria sobre a terra e estabeleceria um reinado de prosperidade por mil anos. Os pré-milenaristas, relacionam estes mil anos com o retorno de Cristo a Terra. Isto é, primeiro Cristo arrebatará os fiéis, evento conhecido como Arrebatamento da Igreja, segue-se um período de sete anos de muitas dificuldades e tormentos conhecido como Grande Tribulação. No pior momento desta tribulação Cristo voltará visivelmente, acompanhado dos fiéis, derrotará os poderes do mal e estabelecerá o seu Reino Milenar de paz e prosperidade. É, somente após todos estes acontecimentos que ocorrerá o fim de tudo e o recomeço de um novo mundo (MIRANDA, 2011, p. 133-142). Existem além da interpretação formulada pelos pré-milenaristas, a pós-milenarista e a amilenista, que são maneiras diferentes de compreensão do *quiliasmo* ou *milênio*.

⁸ A literatura apocalíptica se constitui em um gênero de literatura de revelação, com uma estrutura narrativa, no qual a revelação é mediada por um ser sobrenatural a um ser humano, revelando uma realidade transcendente que é tanto temporal, quanto espacial, enquanto envolve outro mundo sobrenatural. Foi somente a partir do século XIX, após ampla discussão acadêmica que a vasta literatura apocalíptica, inclusive com os textos que foram encontrados nos Manuscritos de Qunram ocuparam um papel importante na hermenêutica dos textos da Bíblia (MIRANDA, 2011, p. 25).

ou o paradoxo do RD. O RN é povoado ou habitado no processo de eufemização⁹, além das trevas, por abismos, buracos, quedas abruptas, descidas e etc. (DURAND, 2004).

Outrossim, o filósofo da ciência e antropólogo Bruno Latour, também fala da importância dos “seres da ficção” que podem ser equivalentes conceitualmente ao imaginário. Ele destaca a importância dos seres da ficção na apreensão da realidade:

[...] são essas entidades presentes em todos os lugares que pesam sobre nós com um peso muito particular de realidade e que, para sermos breves, chamaremos de seres de ficção {...}. Como veremos, esse termo não deve dirigir a atenção para a ilusão, para o falso, mas para o fabricado, o consistente, o real (LATOURE, 2019, p. 198).

Como o imaginário para Latour é povoado pelos seres de ficção, é necessário estar atento às múltiplas representações dos modos de existência para se compreender a realidade e evitarmos a bifurcação entre a razão e os sentidos e emoções que dificultam a apreensão do real (LATOURE, 2019, p. 196).

Então, o imaginário cristão- evangélico do além-mundo, foi construído, de modo privilegiado no Ocidente, por intermédio das leituras e interpretações do livro bíblico da revelação, o Apocalipse de João, que de certa forma ecoa a inúmeros textos antigos, bíblicos e da vasta literatura apocalíptica, como os mitos antigos do combate nos quais um evento apocalíptico precede a instauração da ordem.

Neste novo mundo transcendental, que só acontecerá após um apocalipse, não haverá guerras, mortes, catástrofes, doenças, falta de moradia, corrupção e etc. É o mundo ideal onde as trevas serão dissipadas pela luz. Não é de se admirar o porquê das pessoas, especialmente, se levarmos em consideração as afirmações que estamos em um mundo pós-cristão, alimentarem esse imaginário, pois em tudo ele se contrapõe ao sofrimento humano, e em especial nos momentos de grande crise coletiva.

Assim, este imaginário do fim, se espalhou para toda a sociedade brasileira. Isto se deu por conta da grande influência que o Cristianismo têm em nossa história e em nossa sociedade.

3 A PANDEMIA COMO LUGAR DE EFERVESCÊNCIA DO IMAGINÁRIO DO FIM

Então, como vimos este imaginário apocalíptico sempre revivido em momentos de crises abruptas da sociedade percebeu-se também durante a Pandemia da Covid-19 no

⁹ Eufemismo é uma figura de linguagem que suaviza termos que seriam mais fortes.

Brasil. Acreditamos que os sentimentos de medo, desesperança, finitude e caos, experimentados pela sociedade brasileira, especialmente, no período de maior gravidade da Pandemia, entre os meses de abril e maio de 2021 acabou tornando o tecido social propício às questões da espiritualidade e como resultado disso as narrativas sobre o fim do mundo, resultante da espiritualidade cristã, e no caso de nossa pesquisa, dos evangélicos, que sempre defenderam a ideia de que um novo mundo de justiça e paz surgiria com o fim do mundo atual, e isto não aconteceria sem que antes a humanidade passasse por um apocalipse, se fortaleceram.

Assim, no confinamento deste período verificou-se o aumento do uso das redes sociais e, ainda, de outras mídias que acabaram servindo, também, para que as ideias e reflexões sobre o fim de mundo fossem amplificadas. Nesse sentido, acreditamos que durante a Pandemia o discurso cristão evangélico relacionado ao apocalipse e o alvorecer de uma nova Era se avolumou fazendo com que, de forma especial, os evangélicos fortalecessem a sua crença relacionada a esta questão e a partilhassem com outras pessoas, fortalecendo também o imaginário social sobre ela.

Portanto nossa análise tem sido no sentido de verificar como esta narrativa do fim, suscitada pelo caos pandêmico, influenciou impactou e quais os desdobramentos de tal discurso tanto para os evangélicos quanto para a esfera pública, isto é, que influências, impactos e expectativas o discurso evangélico do fim do mundo exerceu sobre as relações sociais e o modo de se enxergar a realidade durante a Pandemia da Covid-19 no Brasil?

Em nossa pesquisa em curso partimos da hipótese de que no decorrer da história da humanidade sempre que eventos catastróficos ocorrem as narrativas apocalípticas são usadas por alguns grupos evangélicos para prover respostas do porque tais eventos surgiram, fazendo com que o componente religioso seja priorizado em detrimento de outras questões da realidade.

Também, salientamos que o discurso evangélico do fim, especialmente, ancorado numa escatologia pessimista, que em sua narrativa admite um novo mundo de paz, harmonia, justiça e equidade somente com o fim deste mundo, parece corroborar com a fuga da realidade, podendo ter causado em alguns um mecanismo de negação do status quo e, por isso, fazendo com que alguns seguidores fossem resilientes quanto a não seguirem as orientações sanitárias preconizadas para deter o avanço da Pandemia.

Outrossim, nosso interesse parte também da percepção de que existe uma tensão entre o discurso religioso, pautado no modo de existência mítico-mágico-simbólico, que encontra dificuldades no relacionamento com o modo de existência lógico-técnico-racional

tornando a compreensão do flagelo da Pandemia menos importante quando comparado a uma espécie de luta apocalíptica do bem contra o mal. Nesse sentido, acredito que alguns religiosos abriram mão do componente científico chegando algumas vezes a tê-lo como algoz ao abraçarem, inclusive, narrativas políticas populistas de negação a Ciência, conforme foi percebido durante a Pandemia.

Para nos ajudar na análise deste problema estamos nos valendo tanto do antropólogo Bruno Latour, cuja trajetória científica e sua vasta obra nos ajudam na compreensão, especialmente, de como os Modos de Existência Religioso, Político e Científico se relacionaram durante o Período da Pandemia no Brasil. Sendo Latour um crítico da modernidade cuja proposta teórica procura enfatizar a possibilidade de interação dialógica entre diferentes Modos de Existência.

Para Latour:

Comparando conflitos de valor dois a dois - o científico e o religioso, por exemplo, ou o direito e o político, ou o científico e o ficcional, etc. – notaremos muito rapidamente que a maioria das tensões (tensões que explicam em parte a opacidade acima mencionada) resultam do fato de que, para julgar a veracidade de um modo, usamos as condições de verificação de outro modo. Obviamente, isso supõe (será necessário dedicar bastante tempo a essa questão essencial) que se aceite o pluralismo dos modos e, portanto, a pluralidade das chaves pelas quais se julga sua veracidade ou falsidade (LATOUR, 2019, p. 28).

Latour nos convida a uma reflexão e uma crítica sobre as tensões existentes, na relação entre os modos de existência, enxergando-a como produto direto da modernidade e da forma como a ciência, especialmente, objetivista, se comportou na relação sujeito-objeto. Em sua análise é imprescindível que se atente para a pluralidade dos modos e a partir desta percepção se encontre a chave interpretativa adequada para compreendê-los. Para isso Latour, também, construiu a teoria Ator Rede, cuja proposta teórica advém de um olhar não disjuntivo sobre os modos de existência que formam a realidade.

Como vimos no início deste trabalho para refletirmos sobre a questão do imaginário social e apocalíptico referente a Pandemia da Covid-19, estamos recorrendo à além do próprio Latour, a Teoria do Imaginário de Gilbert Durand. É preciso a compreensão de que quando falamos sobre a perspectiva do imaginário não estamos discorrendo sobre eventos inexistentes, estórias ou contos e tudo que possa se pensar sobre fantasia ou falsidade. Recorrendo ao antropólogo francês Gilbert Durand (1921-2012), cujas discussões entre

outras eram sobre as questões míticas e simbólicas que acabam por ser parte da construção da perspectiva imagética do Ser humano, o imaginário para ele trata-se de uma espécie de “museu” que acumula imagens de toda a trajetória antropológica tanto possíveis, produzidas ou não em variadas maneiras pelo homo sapiens (DURAND, 1994, p. 3).

Por isso acreditamos que o caos provocado pela Pandemia da Covid 19, acabou fortalecendo o imaginário social do fim e o agente causador disto seria o coronavírus. As pessoas no período mais crítico do flagelo pandêmico, por conta da instauração do medo, reviveram e reproduziram com veemência o discurso de que o fim estava chegando com a peste da Covid-19.

Para Durand, o Ser humano diante da aflição da morte e o medo do futuro, adota ações imaginativas tanto negando quando produzindo uma nova significação ao seu destino. Por isso, suas percepções imaginativas o lançam na produção e reprodução de mitos, símbolos e etc., que povoam e constroem o imaginário e que são elementos reprodutores de equilíbrio biopsicossocial diante do medo do fim e do devir (DURAND, 1993, p. 97-110).

Então pensando na construção do imaginário cristão, percebemos que o discurso e a prática cristã sempre estiveram ancorados em suas reflexões escatológicas, ou seja, em suas teorias sobre o fim do atual status quo da humanidade e o recomeço de um novo tempo ou uma nova Era.

As redes sociais tão utilizadas neste período, também, foram um ambiente fértil para discursos do fim, durante o pior período da crise, pois elas são “...sofisticadas e complexas ‘estradas’ que permitem o compartilhamento pelos indivíduos, com velocidade e confiabilidade, de enormes fluxos de informações e, mais relevante, em ‘tempo real’ independente da distância...” (KAUFMAN, 2010, p. 24). Portanto é por intermédio das redes sociais que as informações vão sendo compartilhadas eficazmente, por seus atores. (TOMAÉL; MARTELETO, 2006, p. 76) A força do discurso é geradora e permite que os atores em rede ou internautas tomem decisões a partir destas comunicações ou discursos. (KAUFMAN, 2010, p. 127). Desta maneira, os discursos que são produzidos a partir das mídias sociais não se tratam de discursos alheios à nossa realidade social sendo produtores ou geradores de consequências tanto na vida dos usuários quanto em todo tecido social. Nesse sentido se torna cada vez mais importante e urgente entender esses discursos e analisar a força deles no mundo hoje.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda vivemos a Pandemia da Covid-19, que por conta das medidas sanitárias foi arrefecida e com isso também a efervescência do discurso apocalíptico diminuiu, inclusive porque, o Brasil passou a concentrar-se, após a crise pandêmica, nas disputas políticas, embora o imaginário social do fim tenha continuado a operar mesmo nesse período.

Nossa pesquisa caminha na tentativa de ampliar a compreensão de como o discurso religioso evangélico do fim se fortalece e se espraia para além da espiritualidade evangélica, para todo o tecido social. Para isso, entendemos ser importante analisar como no decorrer da história da humanidade os eventos catastróficos foram vistos pelos evangélicos e como o imaginário do fim atrelado as catástrofes foi sendo construído, nos ajudará a compreender melhor o impacto da Pandemia da Covid-19, na religiosidade evangélica e na sociedade brasileira.

Também é importante a compreensão de como a escatologia pessimista ou pré-milenarista, propagada por alguns segmentos evangélicos, que em sua narrativa admite um novo mundo de paz, harmonia, justiça e equidade somente com o fim do mundo atual, que corrobora com a fuga da realidade, tem provocado em alguns um mecanismo de negação do status quo e, por isso, fazendo com que alguns seguidores adotaram e estimularam atitudes de resistência quanto à adoção das orientações sanitárias preconizadas para deter o avanço da Pandemia.

Por último, mas não menos importante, nossa pesquisa está analisando a tensão entre Religião e Ciência no período da Pandemia a partir da negação da crise pandêmica percebida no discurso político governamental e a relação deste discurso com as igrejas evangélicas, especialmente, àquelas propagadoras da teoria do fim vinculada a um apocalipse.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Magali. “Não tenham medo!” é a mensagem do Apocalipse. Carta Capital, 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/nao-tenham-medo-e-a-mensagem-do-apocalipse/>. Acesso em 20 dez. 2022.

DUBY, G. **Ano 1000, ano 2000**: na pista de nossos medos. (Trad. de Eugênio Michelda Silva, Maria Regina Lucena Borges-Osório). São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70 Ltda, 1993.

- DURAND, Gilbert. **Champs de l'imaginaire**: Textes réunis para Danièle Chauvin. Grenoble: Ellug, 1996.
- DURAND, Gilbert. **Les structures anthropologiques de l'imaginaire**. Paris: Dunod, 1984.
- DURAND, Gilbert. **O imaginário**. Rio de Janeiro: Difel, 2004.
- FERRAZ Cláudia Pereira; ALVES André Porto. Da Etnografia Virtual à Etnografia de Internet – Deslocamentos dos estudos qualitativos em rede digital. **41º Encontro Anual ANPOCS**, Caxambu/MG, 2017.
- HAN, Byung-Chul. **No enxame**: Perspectivas do digital. São Paulo: Editora Vozes, 2018.
- KAUFMAN, D. **Processo de tomada de decisões no ciberespaço**: o papel das redes sociais no jogo das escolhas individuais. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://ariel.pucsp.br/bitstream/handle/5332/1/Dora%20Kaufman.pdf> . Acesso em: 2 nov. 2022.
- KOZINETS, R. V. Netnografia [recurso eletrônico]: realizando pesquisa etnográfica online. Trad. Daniel Bueno; revisão técnica: Tatiana Melani Tosi, Raúl Ranauro Javales Júnior. **Dados eletrônicos**, Porto Alegre: Penso, 2014.
- LADD, Eldon G. **O Evangelho do Reino**. Shedd Produções: São Paulo, 2008.
- LADD, Eldon G. **Teologia do Novo Testamento**. 2 ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1985.
- LATOUR, Bruno. **Diante de Gaia**: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- LATOUR, Bruno. Investigação sobre os modos de existência: uma antropologia dos modernos. Tradução Alexandre Agabiti Fernandes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019, p. 260-265.
- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de Antropologia Simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: Edufba, 2012.
- LOPES Jr, Orivaldo P. **O Diálogo dos Surdos**: Igrejas Evangélicas e as Ciências Sociais. Rio Grande do Norte: EDUFRN, 2015.
- LOPES Jr, Orivaldo P. O dualismo das igrejas evangélicas e sua postura sociopolítica. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 40, v. 1, p. 67-89, 2020.
- LOPES Jr, Orivaldo P. **O Espelho de Procrusto**: Ciência, Religião e Complexidade. Rio Grande do Norte: EDUFRN, 2013.

LOPES Jr, Orivaldo P. Um outro mundo já começou: questões para a escatologia cristã – **Horizonte – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 10, p. 638-649, 3 jul, 2012.

MENDES, C. M. A pesquisa online: potencialidades da pesquisa qualitativa no ambiente virtual. **Hipertextos: Revista Digital**, n. 2, 2009.

MIRANDA, Valtair **A. Revelação**: como ler e entender o Apocalipse. São José dos Campos: Inspire, 2011.

TOMAÉL, M. I.; ALCARÁ, A. R.; CHIARA, I. G. D. Das redes sociais à inovação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 34, n. 2, p. 93-104, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/WTMRGVXjNdLNLDwGBD5HTXb/abstract/?lang=pt> . Acesso em: 2 nov. 2022.